

**Tradução para o português do *Íon* de Platão, feita a partir do texto editado por John Burnet em 1903 e acompanhada de breves notas de esclarecimento quanto a algumas escolhas de tradução**

*Robson Soares Cabral de Oliveira*<sup>1</sup>

**Resumo:**

Tradução para o português do *Íon* de Platão, feita a partir do texto editado por John Burnet em 1903 e acompanhada de breves notas de esclarecimento quanto a algumas escolhas de tradução.

**Palavras-chave:** Íon, Platão, Sobre a Ilíada, Poesia, Tradução.

**Abstract:**

Translation of Plato's *Ion* into portuguese, based on the greek text edited by John Burnet at 1903, accompanied by small elucidation notes about some translation choices.

**Keywords:** Ion, Plato, On the Iliad, Poetry, Translation.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UERJ, sob a orientação da Profa. Dra Izabela Aquino Bocayuva, professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Graduado em Filosofia (2019) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, com o trabalho de conclusão de curso intitulado “Entre conhecimento e performance: dos modos do discurso no *Íon* de Platão”, sob a orientação da Profa Dra. Maria Inês Senra Anachoreta. Email: [oliveira.robson@posgraduacao.uerj.br](mailto:oliveira.robson@posgraduacao.uerj.br)

## Introdução

### Sobre o diálogo

O *Íon* é um pequeno diálogo de Platão que trata do ofício dos rapsodos, os *performers* profissionais de poesia épica, em geral homérica, que faziam apresentações ornamentados com vestes coloridas, disputando prêmios em festivais religiosos. Embora usualmente classificado como um diálogo de juventude, o *Íon* destoa de seus supostos contemporâneos, pois, ao menos à primeira vista, ele não trata de temas éticos e nem é um diálogo onde se busca a definição de alguma virtude moral. No diálogo, Íon, um laureado rapsodo homérico, encontra Sócrates tão logo chega à Atenas e em pouco tempo se vê dando explicações ao filósofo sobre o seu ofício. Logo menos, o problema em questão será a natureza da performance rapsódica – ou melhor, a natureza da performance rapsódica *de Íon*: há que se ver se a *sua* performance é fundada em uma arte (τέχνη) e em um conhecimento ou não. Isso porque, em geral, na perspectiva de Sócrates, o rapsodo por arte é um intérprete do pensamento do poeta aos ouvintes, e a bela execução dessa tarefa tem como condição um certo conhecimento que permita tal interpretação. Curiosamente, a exposição socrática irá demonstrar que Íon não executa a rapsódia em virtude de conhecimento e de arte – chegando mesmo a expô-lo ao ridículo de sua ignorância –, e, no entanto, os louros da vitória confirmam a beleza de suas execuções. A única explicação para isso, dirá Sócrates, é a posse de um dom divino (θεία μοῖρα), Íon é um inspirado: ao escutar Homero, ele é possuído por uma força divina, perde o controle de suas faculdades e é transportado para os acontecimentos narrados, tremendo, chorando, descabelando-se com a vivacidade daquilo que escuta. Por sua vez, tudo isso que vivencia, Íon retransmite aos seus ouvintes em sua performance: ao performar Homero, ele os retira do controle de si, transportando-os à flor da pele para a realidade dos acontecimentos narrados. Assim, Íon é visto de fato como um exímio *performer* de Homero, embora sem conhecimento nem arte.

Nesse ponto, podemos contemplar o diálogo de diferentes perspectivas. Há quem julgue o *Íon* uma torrente de ironia, sendo ele uma depreciação do ofício do rapsodo e do poeta, ao distinguir um talento fundado em um dom externo e não em uma aptidão intelectual própria – no ápice de seu sarcasmo, Sócrates estaria retirando com uma mão os elogios que concede com a outra, defende Suzanne Stern-Gillet<sup>2</sup>. Porém, na ausência de uma caracterização da poesia enquanto mimética e seu plano de fundo ontológico, é

---

<sup>2</sup> STERN-GILLET, Suzanne. *On (Mis)Interpreting Plato's 'Ion'*. *Phronesis*, vol. 49, no. 2, 2004, pg. 14.

possível que vejamos no texto uma descrição da potência poética da linguagem que torna presente e verdadeiro um mundo performado diante dos espectadores. Ao meu ver, inclusive, será o contraste entre o uso filosófico-argumentativo da linguagem por parte de Sócrates e a descrição dos efeitos de uma performance poética da linguagem que irá revelar o que há de mais interessante no texto: a possibilidade de distinguirmos duas potências da linguagem, uma que é por excelência poética e outra que é por excelência lógica. Quero dizer: uma distinção entre uma potência da linguagem que produz algo, que presentifica um drama diante de nós, fazendo-nos sofrer com tal presença; e uma potência da linguagem que nos demonstra algo a partir da aceitação de determinadas premissas, e que, por isso, pode nos levar a um conhecimento, tal como o encadeamento argumentativo de Sócrates pode levar Íon a entender que se ele possuísse uma arte, deveria também saber falar sobre os demais poetas e não só sobre Homero. Porém, penso eu, é possível que esse contraste revele algo de interessante não só no *Íon*, mas no *diálogo platônico em geral*, que funde essas duas potências da linguagem em um drama lógico. Diante dele, se o lemos com uma certa postura, acompanhamos com rigor e sobriedade seu fio argumentativo, porém, se relaxamos e somos levados pela leitura, eis que nos vemos imersos na trama, embalados pelo drama platônico.

### **Sobre a tradução**

Adotei para a tradução o texto grego estabelecido por John Burnet em 1903, da Oxford Classical Texts. Essa tradução, originalmente, foi feita como uma tradução de estudo, visando meu trabalho de conclusão de curso na faculdade de filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Por isso, inicialmente, busquei trabalhar o texto ao pé da letra, já que intentava mais uma aproximação do texto grego do que de fato lê-lo com sutileza e fluidez. A presente versão é fruto de uma revisão daquela tradução, onde me dei mais liberdade no estilo para torna-la mais fluida e inteligível, porém ainda tento preservar as construções sintáticas do texto. A sua tônica está muito vinculada à maneira como leio o diálogo, daí, às vezes, certas opções de tradução, as quais justifico em nota.

Por fim, gostaria de deixar meus agradecimentos à minha professora orientadora Izabela Aquino Bocayuva que, além de me apoiar nesse empreendimento, releu comigo a tradução, ajudando-me a lapidá-la, ao professor Fernando Gazoni, que fez observações indispensáveis ao texto final e é um manancial de paciência e solicitude com minhas dúvidas, e ao meu professor de grego, Dionatan Tissot, pela bolsa concedida em seu curso

regular de grego online. Agradeço também à CAPES pelo financiamento de minha pesquisa.

**ÍON**

**Platão**

**SÓCRATES – ÍON**

**SÓCRATES:** Salve Íon! Chegas agora em nossa terra vindo de onde? [530a] De casa, de Éfeso?

**ÍON:** De jeito nenhum, Sócrates! Venho de Epidauro, das Asclepiades.

**SÓCRATES:** E por acaso os epidaurios também promovem disputas de rapsodos em honra do deus?

**ÍON:** Certamente, e também das outras artes das Musas<sup>3</sup>.

**SÓCRATES:** E aí? Disputaste algo para nós? E como te saístes na disputa?

**ÍON:** Levamos o primeiro dos prêmios, Sócrates! [530b]

**SÓCRATES:** É assim que se fala! Vamos! E cuidemos de vencer também as Panatenéias!

**ÍON:** Assim será, se o deus consentir!

**SÓCRATES:** E é bem verdade, Íon, que eu amiúde invejei a vós rapsodos pela vossa arte<sup>4</sup>, pois ao mesmo tempo que vos convém estar sempre adornados quanto ao corpo e aparecer os mais belos possíveis em virtude de vossa arte, também vos é necessário ocupar o vosso tempo com os outros muitos e bons poetas, e sobretudo com Homero, o [530c] melhor e mais divino dos poetas, além de aprender completamente o pensamento dele, não só os versos – e tudo isso é invejável. De fato, alguém jamais viria a ser um bom rapsodo se não entendesse os ditos do poeta, pois é preciso que o rapsodo venha a ser intérprete do pensamento do poeta aos ouvintes, e fazer isso de modo belo sem conhecer o que fala o poeta é impossível. Todas essas coisas, realmente, são dignas de se invejar.

**ÍON:** Falas a verdade, Sócrates. Para mim, ao menos, isso foi o [530d] que mais deu trabalho nessa arte, e, dentre os homens, eu penso que falo as coisas mais belas sobre Homero, de modo que nem Metrodoro de Lampsacos, nem Stesímbroto de Tasos, nem Gláucon, nem mais ninguém dos que já vieram à luz falaram tantos e belos pensamentos sobre Homero quanto eu.

<sup>3</sup> “Das outras artes das Musas” traduz “τῆς ἄλλης μουσικῆς”. Refere-se aos diferentes tipos de performance poética, dentre os quais está incluso a rapsódia. Cf. *Banquete*, 205c4-9, onde Platão distingue ποίησις (poesia) em sentido lato enquanto tudo aquilo que se refere à μουσική e aos μέτρα, à música e aos versos.

<sup>4</sup> “Arte” traduz “τέχνη” ao longo de todo o diálogo, entendendo por “arte” um conhecimento sobre algo como um todo que permite a alguém executar ou produzir alguma determinada coisa; um “saber como” fazer algo.

**SÓCRATES:** Falas bem, Íon, e é claro que não deixarás de performar<sup>5</sup> para mim.

**ÍON:** É realmente valoroso ouvir como bem arranjo Homero, Sócrates, de modo que penso ser digno de ser coroado pelos Homéridas com uma coroa de ouro!

**SÓCRATES:** E eu ainda arrumarei tempo para te ouvir, [531a] mas agora me responde isto aqui: tu és hábil apenas sobre Homero ou também sobre Hesíodo e Arquíloco?

**ÍON:** De jeito nenhum! Apenas sobre Homero, pois me parece ser suficiente.

**SÓCRATES:** E há alguma coisa sobre o que Homero e Hesíodo falam o mesmo?

**ÍON:** Eu penso que há, e muitas.

**SÓCRATES:** Então, sobre essas coisas, tu explicarias mais belamente o que Homero fala ou o que Hesíodo fala?

**ÍON:** Eu explicaria do mesmo modo sobre essas, Sócrates, [531b] sobre as que eles falam as mesmas coisas.

**SÓCRATES:** E sobre aquelas que eles não falam as mesmas coisas? Por exemplo, Homero e Hesíodo falam algo sobre a arte mântica.

**ÍON:** Decerto.

**SÓCRATES:** E então? Quanto às coisas que esses poetas falam do mesmo modo e quanto às que falam de maneira diferente sobre a arte mântica, tu explicarias de modo mais belo, ou algum dos bons adivinhos?

**ÍON:** Algum dos bons adivinhos.

**SÓCRATES:** E se tu fosses um adivinho, se realmente tu fosses capaz de explicar sobre as coisas que são ditas de modo igual, não saberias também explicar sobre aquelas que são ditas de modo diferente?

**ÍON:** É claro que sim.

**SÓCRATES:** Mas então, porque tu és hábil sobre Homero e [531c] não sobre Hesíodo e nem sobre os outros poetas? Será que<sup>6</sup> Homero fala sobre outras coisas ou fala precisamente sobre o que todos os outros poetas falam? Ele não narrava amiúde sobre a guerra e sobre as relações dos homens uns com os outros, dos homens bons e dos maus, dos homens comuns e dos artesãos? Sobre como os deuses se comportam, relacionando-se uns com os outros e com os homens? Sobre os acontecimentos do céu e sobre os do

<sup>5</sup> “Performar” traduz “ἐπιδείξει”, infinitivo aoristo ativo de ἐπιδείκνυμι. A tradução mais usual é exhibir, por isso, em outras passagens, adoto essa tradução; aqui, porém, acredito que há uma sutileza de Platão quanto à natureza das apresentações poéticas. Penso que a descrição que Sócrates fará da atividade do rapsodo mostra que elas são “performáticas”.

<sup>6</sup> Lendo ἦ, de acordo com S(ut vid.)F. Cf. RIJKSBARON, Albert. *Ion Or: On the Iliad*. Amsterdam Studies in Classical Philology, 14. Leiden and Boston: Brill, 2007, pg. 139.

Hades e ainda sobre as [531d] gerações dos deuses e dos heróis? Não são essas mesmas coisas sobre as quais Homero fez poesia?

**ÍON:** Falas a verdade, Sócrates.

**SÓCRATES:** E quanto aos outros poetas? Não fizeram poesia sobre essas mesmas coisas?

**ÍON:** Sim, Sócrates, mas eles não fizeram do mesmo jeito que Homero.

**SÓCRATES:** Como assim? Fizeram pior?

**ÍON:** E muito!

**SÓCRATES:** E Homero melhor?

**ÍON:** É óbvio que melhor, por Zeus!

**SÓCRATES:** Ora, caro amigo Íon, sempre que houver uma pessoa que fala melhor sobre os números, dentre tantos que falam sobre eles, é certo que alguém reconhecerá esse que fala bem, não é?

**ÍON:** Sim [531e].

**SÓCRATES:** E é precisamente essa mesma pessoa que também irá reconhecer os que falam mal, ou será outra?

**ÍON:** É certo que será a mesma.

**SÓCRATES:** E essa é aquela que possui a arte aritmética, não é?

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** E então?! Sempre que houver alguém que fala melhor, dentre diversas pessoas que falam sobre quais são os alimentos saudáveis, será uma pessoa que reconhecerá que fala melhor aquele que fala melhor, e outra pessoa que reconhecerá que fala pior aquele que fala pior, ou será a mesma?

**ÍON:** Sem dúvidas, é claro que será a mesma.

**SÓCRATES:** Quem é essa? Qual o seu nome?

**ÍON:** Médico.

**SÓCRATES:** Falamos, portanto, resumindo, que, no que diz respeito às diversas pessoas que falam as mesmas coisas, sempre será a mesma pessoa a reconhecer [532a] tanto aquele que fala bem quanto aquele que fala mal. E se não reconhecer o que fala mal, é claro que também não reconhecerá o que fala bem, ao menos quando falam sobre a mesma coisa, não é?

**ÍON:** É isso mesmo.

**SÓCRATES:** Portanto, a mesma pessoa vem a ser hábil sobre ambas as coisas, não é?

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** E tu dizes que Homero e também os outros poetas, dentre os quais se inclui Hesíodo e Arquíloco, falam precisamente sobre as mesmas coisas, mas não do mesmo modo, pois um fala bem, e os outros falam pior, não é?

**ÍON:** E falo a verdade!

**SÓCRATES:** Então, se realmente reconheces o que fala bem, [532b] tu reconhecerias também que falam de modo pior aqueles que falam de modo pior, não é?

**ÍON:** Parece que sim.

**SÓCRATES:** Portanto, meu nobre, não incorreremos em erro dizendo que Íon é igualmente hábil sobre Homero e sobre os demais poetas, uma vez que o próprio concorda que a mesma pessoa será juiz competente de tudo o quanto falassem sobre as mesmas coisas, e que todos os poetas compõem mais ou menos as mesmas coisas.

**ÍON:** Mas, então, qual é a causa disso, Sócrates? Por que, sempre que alguém fala sobre outro poeta, [532c] eu não consigo prestar atenção e nem contribuir com qualquer coisa que seja digna de nota, e simplesmente caio no sono, mas, sempre que alguém menciona Homero, eu prontamente desperto, presto atenção e passo a falar com abundância?

**SÓCRATES:** Meu camarada, isso não é difícil de imaginar, e é absolutamente evidente que és incapaz de falar sobre Homero em função de uma arte e de um conhecimento<sup>7</sup>; pois, se tu fosses capaz de falar por arte, tu também serias capaz de falar sobre todos os outros poetas, pois, eu suponho, há uma arte poética como um todo. Não há?

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Dessa forma, sempre que alguma pessoa considerar qualquer outra arte que seja em sua totalidade [532d], será a mesma maneira de investigação em relação a todas as artes, não é? E tu queres ouvir o que quero dizer com isso, Íon?

**ÍON:** Por Zeus, Sócrates! Sim eu quero, pois eu me regozijo ouvindo a vós sábios!

**SÓCRATES:** Quisera eu que tu falasses a verdade, Íon, mas penso que sábios sois vós, os rapsodos, atores e aqueles de quem vós cantais os [532e] poemas, ao passo que eu não falo nada além da verdade, tal como cabe a um homem simples. De fato, sobre isso que eu te perguntava agora, veja como é fácil e simples para todo homem compreender o que eu dizia, que sempre que alguém considera uma arte em sua totalidade, há a mesma investigação. Assim, consideremos o argumento: há uma arte da pintura como um todo?

---

<sup>7</sup> “Conhecimento” traduz “ἐπιστήμη”, entendendo por “conhecimento” uma espécie de saber estruturado como um todo acerca de um assunto e passível de ser transmitido via ensino. Opto por não traduzir por “ciência” para distinguir da forma de saber experimental forjada na modernidade.

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Então, existem, bem como já existiram, diversos pintores, tanto bons quanto ruins, não é?

**ÍON:** Certamente.

**SÓCRATES:** Mas tu já viste alguém que sobre Polignoto, [533a] filho de Aglaofonte, é hábil em apresentar as coisas que ele pinta bem e as coisas que não, mas é incapaz sobre os outros pintores? E já viste alguma pessoa que, sempre que alguém exhibe as obras dos outros pintores da natureza, cai no sono, entra em um impasse e não tem o que contribuir, porém, sempre que fosse preciso apresentar um pensamento sobre Polignoto, ou sobre qualquer outro pintor que quiseses (mas apenas um), despertasse, prestasse atenção e passasse a falar com abundância?

**ÍON:** Não, por Zeus! Não mesmo!

**SÓCRATES:** E então?! E sobre a arte da estatuária, já viste [533b] alguém que sobre Dédalo, filho de Metíono, sobre Epeio, filho de Panopeu, sobre Teodoro, filho de Samio, ou sobre qualquer outro escultor, é hábil em explicar sobre o que apenas um escultor fez bem, mas a respeito das obras dos outros escultores entra em um impasse e cai no sono, sem ter o que falar?

**ÍON:** Não, por Zeus! Nunca vi isso!

**SÓCRATES:** Pois é! E, como eu penso, nem na flauta, nem na cítara, nem na [533c] citaródia e nem na rapsódia, jamais viste homem algum que é hábil em explicar sobre Olimpo, ou sobre Orfeu, ou sobre Tâmiro, ou mesmo sobre Fêmio, o rapsodo de Ítaca, mas que quanto a Íon, o rapsodo de Éfeso, entra em um impasse e não tem o que considerar a respeito do que ele faz bem na rapsódia e do que não faz.

**ÍON:** Eu não tenho o que te contradizer a respeito disso, Sócrates, porém eu tenho pra mim aquilo, que eu falo de modo mais belo que qualquer homem sobre Homero, falo com abundância e todo mundo me diz que eu falo bem, mas sobre os outros poetas, não. Pois bem, vê então o que é isso.

**SÓCRATES:** Vejo, Íon, e vou te esclarecer [533d] o que me parece ser isso. Na verdade, como ainda agora eu dizia, isso, o bem falar sobre Homero, não é uma arte que está em ti, mas uma força divina que te move, tal como na pedra que Eurípides denominou Magnética e que a maioria das pessoas chama de Heracléia. De fato, essa pedra não só atrai os anéis de ferro, mas também imputa força aos anéis, de modo que esses sejam capazes de [533e] fazer precisamente aquilo mesmo que a pedra faz, atrair outros anéis,

a ponto de haver, certas vezes, uma cadeia bem grande de anéis de ferro conectados uns a partir dos outros; porém, é a força daquela pedra que conecta todos esses. E, dessa maneira, também a Musa ela mesma faz inspirados, e é através desses inspirados que se conecta uma cadeia de outros entusiasmados. Assim, não é em função de uma arte, mas estando inspirados e possuídos que todos os bons poetas épicos recitam todos aqueles belos poemas, e da mesma forma os bons poetas líricos. Da mesma forma que os Coribantes não dançam estando em posse de si, do mesmo modo os poetas líricos [534a] não compõem aquelas belas melodias estando em posse de si, mas, sempre que eles embarcam na harmonia e no ritmo, deliram em um frenesi báquico e ficam possuídos. E, da mesma forma, as bacantes, quando estão possuídas, colhem mel e leite dos rios, porém não quando estão em posse de si, e a alma dos poetas líricos também realiza isso, tal como eles mesmos dizem. De fato, eles realmente nos falam que, colhendo de mananciais que jorram mel, em certos jardins e vales das Musas [534b], eles nos trazem as melodias assim como as abelhas, também eles mesmos revoando. E falam a verdade! Pois o poeta é coisa leve, alada e sagrada, e não é capaz de compor antes que se torne inspirado, fora de si e que o intelecto não esteja mais em seu poder; e, enquanto tem a sua posse, todo homem é incapaz de compor poemas e prever oráculos. Portanto, como não é em função de uma arte que eles compõem e falam tantas e belas coisas no que diz respeito a tais assuntos, tal como tu sobre Homero, mas por um dom divino<sup>8</sup> [534c], cada um somente é capaz de compor belamente no que diz respeito ao que a Musa o incitou: uns nos ditirambos, outros nos encômios, ainda outros nos hiporquemas, outros no épico, ou ainda outros no jambo, porém, quanto aos demais gêneros, cada um desses é pífio. Com efeito, não é em função de uma arte que dizem tais coisas, mas por uma força divina, dado que se soubessem falar belamente sobre uma delas em função de uma arte, saberiam também falar sobre todas as demais. O deus, por isso, retirando deles o intelecto, serve-se deles como subordinados, [534d] bem como dos que preveem oráculos e dos adivinhos dos deuses, afim de que nós ouvintes saibamos que não são eles que falam essas coisas de muito valor, já que o intelecto não está presente neles, mas é o deus mesmo que está falando, e através deles se

---

<sup>8</sup> “Dom divino” traduz “θεία μοίρα”, porém muito da expressão se perde. Outras opções são: privilégio divino, dispensação divina, parte divina, destino divino, concessão divina, etc. Estamos falando de algo que foi dispensado divinamente a alguém e que determina a parte que cabe a tal pessoa em vida, a sua parcela do destino. Essa dispensação, em nosso caso, torna tal pessoa privilegiada, ela se torna veículo do deus, capaz de formar uma realidade para os homens através do discurso. Para uma abordagem mais extensa do conceito de μοίρα, ver DODDS, E. R. *The Greeks And The Irrational*. Los Angeles: University of California Press, 1951, pp. 6-7; e CORNFORD, F. M. *The origin of MOIRA*. In CORNFORD, F. M. *From religion to philosophy*. New York: Harper & Brothers Publishers, 1957.

faz ouvir para nós. A maior prova desse argumento é Tínicó de Cálcis, que não compôs jamais nenhum outro poema digno de ser recordado, senão o péan, que todos cantam, talvez o mais belo de todos os poemas líricos, e tal como ele mesmo diz, simplesmente<sup>9</sup> um “achado das Musas”. [534e] Assim, parece-me que é justamente por meio disso que o deus nos deixa manifesto, para que não nos reste dúvida, que esses belos poemas não são humanos e nem dos homens, mas divinos e dos deuses, e que os poetas não são mais do que intérpretes dos deuses, possuídos a partir do que cada um é possuído. [535a] O deus, deixando isso manifesto, cantou de propósito o mais belo poema lírico através do mais pífio poeta; ou não te pareço falar a verdade, Íon?

**ÍON:** Sim, por Zeus! Parece-me! Pois, de alguma maneira, tu tocas minha alma com as palavras, Sócrates, e os bons poetas me parecem que interpretam para nós essas coisas que vem dos deuses em função de um dom divino!

**SÓCRATES:** E, por sua vez, vós rapsodos interpretaís as coisas dos poetas, não é?

**ÍON:** Também isso que falas é verdade.

**SÓCRATES:** Portanto, vindes a ser intérpretes dos intérpretes, não?

**ÍON:** Absolutamente.

**SÓCRATES:** Mas calma, me diz isto aqui, [535b] Íon, e não ocultes o que vou te perguntar. Sempre que tu recitas bem um verso e aturdes ao máximo os espectadores, seja quando cantas o Odisseu se precipitando sobre a soleira, revelando-se aos pretendentes e arremessando flechas aos pés deles, ou Aquiles se lançando sobre Heitor, ou ainda alguma das passagens comoventes sobre [535c] Andrômaca, Hécuba ou Príamo, nesse momento estás em posse de ti ou acontece de saíres de ti mesmo, e a tua alma entusiasmada acredita estar diante dos acontecimentos que estás recitando, seja em Ítaca ou em Tróia ou onde quer que tenham lugar os versos?

**ÍON:** Quão visível para mim é a prova que apresentaste, Sócrates. Irei te falar sem ocultar nada! De fato, sempre que eu falo algo comovente, meus olhos enchem-se de lágrimas, e sempre que falo algo assustador ou terrível, meus cabelos levantam-se eriçados de medo e meu coração palpita.

**SÓCRATES:** Pois então?! Nós iremos dizer, Íon, que nesse momento [535d] esse homem está em posse de si, esse que, estando adornado com veste colorida e com coroas

---

<sup>9</sup> O péan de Tínicó é “ἀτεχνῶς” um achado das Musas. Platão se vale aqui de um jogo de palavras intraduzível em português: ἀτεχνῶς é um advérbio que, em geral, significa “de modo simples”, porém, em sentido estrito, significa “de modo a não observar os princípios de uma arte (τέχνη)”. Desse modo, Platão está dizendo que o péan de Tínicó é um achado das Musas “sem arte”, ou “simplesmente” um achado das Musas.

de ouro, chora nos sacrifícios e nos festivais, embora nada disso tenha sido arruinado, ou que se enche de temor estando de pé em meio a vinte mil homens amigáveis, mesmo sem ninguém o saquear e nem fazer mal a ele?

**ÍON:** Não, por Zeus! Para falar a verdade, não mesmo, Sócrates!

**SÓCRATES:** E tu sabes que vós também efetuais essas mesmas coisas na maioria dos espectadores?

**ÍON:** Sei muito bem! Pois a todo momento, lá de cima do tablado, [535e] eu os observo chorando, lançando olhares terríveis e ficando atônitos com o que é dito. E eu preciso prestar atenção veementemente neles, porque se os ponho sentados chorando, eu mesmo rirrei por receber o dinheiro, enquanto que se eu os ponho rindo, eu é que vou chorar por perder o dinheiro.

**SÓCRATES:** Então tu sabes que o próprio espectador é o último dos [536a] anéis dos quais eu falava, que, pela pedra de Heracléia, recebem a força uns dos outros? O do meio é tu, rapsodo e ator, e o primeiro, o próprio poeta. Já o deus, atravessando todos esses, arrasta a alma dos homens para onde quer que ele queira, fazendo a força ficar pendente de uns aos outros mutuamente. E, tal como a partir daquela pedra, fica conectada uma cadeia repleta de coreutas, corifeus e sub-corifeus, conectados indiretamente pelos anéis que dependem da Musa. Assim, um dos poetas fica conectado a uma Musa, outro fica conectado a outra – e é a isso que chamamos ser possuído, o que é bem parecido, já que ele é tido<sup>10</sup>. [536b] E, a partir desses primeiros anéis, dos poetas, outras pessoas ficam conectadas a partir de outras pessoas e ficam entusiasmadas, uns a partir de Orfeu, outros a partir de Museu. No entanto, a maioria das pessoas são possuídas e tidas por Homero. Tu és também um desses possuídos por Homero, Íon, e sempre que alguém canta algum outro poeta, tu caís no sono e entras em um impasse quanto ao que falar; porém, sempre que alguém faz soar algum canto desse poeta, tu imediatamente despertas, tua alma dança e passas a falar com abundância. [536c] Portanto, não é por arte e nem por conhecimento que tu falas o que falas sobre Homero, mas por um dom divino e por possessão, tal como os que deliram um frenesi coribântico, que só percebem com nitidez aquele canto que é do deus a partir do qual estão possuídos, e com relação a esse canto ficam cheios de gestos e palavras, ao passo que não se preocupam com os demais. Da mesma forma, Íon, sempre

<sup>10</sup> Platão joga aqui com os verbos “ἐξαρτάομαι”, “κατέχομαι” e “ἔχομαι”, respectivamente “estar conectado”, “ser possuído” e “ser tido”, ainda no contexto da atração da pedra magnética/da musa. Uma pedra conectada à outra pela atração do ímã é possuída ou “tida” pela outra, já que a outra a retém junto dela.

que alguém menciona Homero, tu passas a ter o que dizer, enquanto que tu entras em um impasse a respeito dos outros poetas. E a causa disso que me perguntaste, [536d] do porquê tu falas sobre Homero com abundância, mas não sobre os demais poetas, é que não és um hábil panegirista de Homero em função de uma arte, mas por um dom divino.

**ÍON:** E tu falas bem, Sócrates! Mas eu me espantaria mesmo é se tu falasses assim tão bem a ponto de me convencer que eu faço o elogio de Homero possuído e maníaco! Porém, eu penso que se tu me ouvisses falando de Homero, não te pareceria ser dessa forma.

**SÓCRATES:** E, no entanto, eu realmente estou disposto a te ouvir! Mas não antes de tu me responderes isto aqui: dentre as coisas que Homero fala, sobre qual delas tu falas bem? Pois é certo que não é sobre todas!

**ÍON:** Fica sabendo, Sócrates, que não há uma coisa sobre a qual eu não fale bem!

**SÓCRATES:** É certo que não sobre aquelas que tu calhas de não saber, mas que Homero fala.

**ÍON:** E quais são essas coisas que Homero fala e que eu não sei?!

[537a] **SÓCRATES:** Não é verdade que Homero fala sobre as artes diversas vezes e em vários lugares? Por exemplo, sobre a arte dos aurigas, se eu me recordasse dos versos eu te recitaria...

**ÍON:** Mas eu falo, pois eu me recordo!

**SÓCRATES:** Então me diz o que Nestor fala a seu filho Antíloco, quando o adverte a ser cauteloso com a curva na corrida de cavalos dos jogos em honra de Pátroclo.

**ÍON:** Ele diz:

“Rente a esse tronco os cavalos e o carro habilmente dirige,  
inclinação [537b] para a esquerda imprimindo no corpo, por cima  
do parapeito trançado. O corcel da direita procura  
estimulá-lo com gritos, soltando-lhe a rédea vistosa;  
mas que o da esquerda perpasse tão perto da meta, que tenhas,  
quase, a impressão que o cubo bem-feito da roda, na pedra, vai esbarrar.”<sup>11</sup>

**SÓCRATES:** Basta! Então, Íon, [537c] quem saberia melhor se Homero fala esses versos com acerto, um médico ou um auriga?

**ÍON:** Um auriga, sem dúvidas.

**SÓCRATES:** Por que detêm essa mesma arte ou por alguma outra coisa?

---

<sup>11</sup> *Ilíada*. XXIII, 335-340 (tradução de Carlos Alberto Nunes).

**ÍON:** Não, porque detêm a arte.

**SÓCRATES:** Por que para cada uma das artes foi concedida pelo deus a capacidade de se conhecer uma certa obra<sup>12</sup>, não é? Pois me parece que o que conhecemos pela arte do capitão, não conheceremos também pela arte médica.

**ÍON:** De fato não.

**SÓCRATES:** Nem as coisas que conhecemos pela arte médica são aquelas que conheceremos pela carpintaria.

**ÍON:** De fato não são [537d].

**SÓCRATES:** Então será assim com todas as artes, as coisas que conhecemos por meio de uma arte, não conheceremos por meio de outra, correto?! Mas me responda antes isto: tu afirmas que essa é uma arte, e aquela outra?!

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Então, conforme estou assinalando<sup>13</sup>, sempre que, por um lado, houver o conhecimento de alguns assuntos, e, por outro, o conhecimento de outros, eu chamo uma arte de uma maneira, e a outra arte de outra maneira; e tu, também fazes assim?

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Uma vez que se houvesse, de alguma forma, um conhecimento dos mesmos assuntos, porque iríamos chamar um conhecimento de uma maneira, e outro de maneira diferente, quando as mesmas coisas seriam conhecidas através de ambos?! Da mesma forma que eu sei que esses dedos são cinco, tu, assim como eu, sabes o mesmo sobre isso. E se eu te perguntasse se é pela mesma arte – pela aritmética – ou por uma arte diferente que eu e tu conhecemos essas mesmas coisas, com toda certeza tu irias dizer que é pela mesma arte.

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Então, [538a] diz nesse momento aquilo que eu estava para te perguntar ainda há pouco, se te parece que é assim com todas as artes, que pela mesma arte é necessário que conheçamos as mesmas coisas, enquanto que por uma arte diferente, se ela realmente for diferente, é necessário que não conheçamos as mesmas coisas, mas outras.

**ÍON:** Me parece que é assim, Sócrates.

---

<sup>12</sup> “Obra” traduz “ἔργον”. Ἔργον pode designar tanto a atividade pela qual se realiza um produto, quanto o produto que é resultado dessa atividade. Escolhi “obra” pois acredito que preserva esses dois sentidos.

<sup>13</sup> “Assinalando” traduz “τεκμαιρόμενος”, particípio presente de τεκμαίρομαι. Mais especificamente, diz respeito a um juízo, conclusão, ou determinação, relacionado a um τέκμαρ, uma delimitação, marca ou sinal manifesto.

**SÓCRATES:** Portanto, aquele que não detiver uma determinada arte, não será ele capaz de conhecer belamente o que dessa arte é dito ou feito, não é?

**ÍON:** Falas a verdade [538b].

**SÓCRATES:** Então, sobre os versos que disseste, quem irá conhecer de modo mais belo se Homero fala belamente ou não, tu ou um auriga?!

**ÍON:** Um auriga.

**SÓCRATES:** Porque, eu penso, tu és um rapsodo, não um auriga.

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** E a arte rapsódica é diferente da arte do auriga?

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Portanto, se é diferente, é um conhecimento sobre assuntos diferentes.

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Mas então, e quando Homero fala que Hecamede, [538c] a concubina de Nestor, deu uma mistura para Macáone beber, estando ele ferido, e fala mais ou menos assim:

“vinho de Prâmnio, no qual raspou queijo de leite de cabra  
num ralo aêneo, pondo ao lado cebolas, que ao vinho convidam”<sup>14</sup>.

Se Homero fala corretamente tais coisas ou não, é próprio da arte médica ou da arte rapsódica distinguir belamente?

**ÍON:** Da arte médica.

**SÓCRATES:** E quando Homero fala

“Cala no mar sonoro da mesma maneira que o chumbo [538d]  
preso na ponta de um chifre de touro selvagem, que baixa  
para levar aos peixinhos incautos a Morte enganosa.”<sup>15</sup>

No que diz respeito a esse assunto, dizemos que é mais próprio da arte da pescaria ou da arte rapsódica avaliar se Homero fala belamente tais coisas ou não?

**ÍON:** É claro que é da arte da pescaria, Sócrates.

**SÓCRATES:** Mas agora observa, se fosse o caso de fazeres uma pergunta e tu me perguntasses: “então, Sócrates, uma vez que tu encontras essas coisas que compete a cada uma dessas artes avaliar, vai e encontra também para mim aquelas que dizem respeito a um adivinho e à arte mântica, quais são aquelas que compete a ele ser capaz de distinguir

<sup>14</sup> *Ilíada*. XI, 630, 639-40 (tradução Carlos Alberto Nunes).

<sup>15</sup> *Ilíada*. XXIV, 80-82 (tradução Carlos Alberto Nunes).

se são mal feitas ou bem feitas?” Observa como eu vou te responder de modo fácil e verdadeiro, já que ele fala em diversos lugares na *Odisséia*, como, por exemplo, quando o adivinho Teoclímeneo, da linhagem de Melampo, fala aos pretendentes:

“De que doença, [539a] infelizes, agora sofreis? Envolvidos por noite escura vos vejo as cabeças, os rostos e os joelhos; altos gemidos ressoam, dos rostos as lágrimas correm; sangue destila dos nichos bem feitos, das altas paredes, e de fantasmas o pátio está cheio, até o próprio vestíbulo, que para as trevas já baixam, para o Érebo. O sol apagou-se já no alto do céu, [539b] difundindo-se em tudo tristonho negrume.”<sup>16</sup>

E também em vários lugares na *Ilíada*, como, por exemplo, na batalha da muralha, já que nessa passagem ele diz:

“É que, quando iam transpô-lo, por eles uma ave perpassa; águia de altíssimo voo, que à esquerda fechou todo o exército, a qual nas garras, o imano dragão cor de sangue estrangia, vivo, a mexer-se, que não se esquecerá dos cruentos combates, pois, para trás encurvando-se, junto do colo, no peito, a ave feriu. Trespasada de dor excruciante, esta, logo violentamente o jogou para longe, no meio do povo.

Grito [539d] estridente solta a águia, partindo com o sopro do vento.”<sup>17</sup>

Eu direi que também essas e outras coisas do mesmo tipo compete ao adivinho examinar e avaliar.

**ÍON:** Realmente, tu estás falando a verdade, Sócrates.

**SÓCRATES:** E tu também, Íon, falas tais coisas com verdade. Mas agora é tua vez! Assim como eu selecionei para ti da *Odisséia* e da *Ilíada* quais são as coisas próprias do adivinho, quais as do médico e quais as do pescador, [539e] da mesma forma, Íon, seleciona também tu para mim – já que és mais versado do que eu nas obras de Homero – quais são as coisas próprias do rapsodo e da arte rapsódica, aquelas que, frente aos demais homens, compete ao rapsodo examinar e avaliar.

**ÍON:** E eu digo, Sócrates. Todas!

<sup>16</sup> *Odisséia*. XX, 351-357 (tradução Carlos Alberto Nunes).

<sup>17</sup> *Ilíada*. XII, 200-207 (tradução Carlos Alberto Nunes).

**SÓCRATES:** Não, tu não podes estar dizendo que são todas! Ou tu és assim tão esquecido?! Por certo não cabe a um homem rapsodo ser tão esquecido!

**ÍON:** Mas então, o que é que estou esquecendo [540a]?!

**SÓCRATES:** Não te recordas que disseste que a arte rapsódica era diferente da arte do auriga?

**ÍON:** Me recordo.

**SÓCRATES:** Então tu também concordavas que, sendo diferentes, elas conhecerão coisas diferentes, não?!

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** Portanto, segundo tuas próprias palavras, a arte rapsódica não conhecerá todas as coisas, e nem o rapsodo!

**ÍON:** Exceto, talvez, as coisas desse tipo, Sócrates.

**SÓCRATES:** Com “coisas desse tipo”, [540b] eu imagino que estás falando “exceto as que dizem respeito às outras artes”. Mas quais são, então, as que o rapsodo conhecerá, já que não são todas?!

**ÍON:** Aquelas, penso eu, que cabem a um homem dizer e o tipo de coisas que cabe a uma mulher, aquelas que cabem a um escravo e as que cabem um homem livre, e também as que cabem a um comandado e as que cabem a um comandante.

**SÓCRATES:** Tu falas, então, que quanto ao tipo de coisas que cabe a um comandante dizer de um navio sacudido pela tempestade no mar, o rapsodo conhecerá melhor que um capitão?

**ÍON:** Não, nesse caso é o capitão.

**SÓCRATES:** E [540c] quanto ao tipo de coisas que cabe àquele que comanda um doente dizer, o rapsodo conhecerá melhor do que o médico?

**ÍON:** Nesse caso também não.

**SÓCRATES:** Estás falando, então, do tipo de coisas que cabe a um escravo?!

**ÍON:** Sim!

**SÓCRATES:** Falas, por exemplo, que, quanto àquilo que cabe a um escravo boieiro dizer aos bois bravios, acalmando-os, é o que rapsodo conhecerá, não o escravo boieiro?!

**ÍON:** É certo que não.

**SÓCRATES:** E quanto às coisas que cabem a uma mulher que é fiandeira dizer sobre o trabalho da lã?

**ÍON:** Não [540d].

**SÓCRATES:** Conhecerá, então, o tipo de coisa que cabe a um homem general dizer, encorajando os soldados?

**ÍON:** Sim, esse tipo de coisa o rapsodo conhecerá!

**SÓCRATES:** O quê?! A arte do rapsodo é a arte do general?!

**ÍON:** Eu, pelo menos, conheceria aquilo que cabe ao general dizer.

**SÓCRATES:** Então, provavelmente tu és também um general, Íon! De fato, se por um acaso tu fosses ao mesmo tempo cavaleiro e citarista, poderias conhecer quais são os cavalos bons e ruins de serem montados. Agora, se eu te perguntasse: “Íon, por meio de qual [540e] arte precisamente tu reconheces os cavalos que são bons de serem montados, por meio da que te faz cavaleiro ou da que te faz citarista?” Que que tu me responderias?!

**ÍON:** Eu responderia que é por meio da que me faz cavaleiro.

**SÓCRATES:** Portanto, se também distinguisses quais são os bons citaristas, concordarias que é por meio da arte que te faz citarista, não da que te faz cavaleiro, não?!

**ÍON:** Sim.

**SÓCRATES:** E já que conheces as coisas do general, tu conheces pela arte que te faz general ou pela que te faz um bom rapsodo?

**ÍON:** Pelo menos para mim parece que elas não se diferenciam em nada..

**SÓCRATES:** Como?! [541a] Estás falando que elas não se diferenciam em nada?! Tu falas que a arte do rapsodo e a arte do general são uma só arte ou duas?!

**ÍON:** Para mim, ao menos, parece que são uma.

**SÓCRATES:** Então, qualquer um que seja um bom rapsodo será também um bom general?

**ÍON:** Perfeitamente, Sócrates!

**SÓCRATES:** Portanto, qualquer um que seja um bom general é também um bom rapsodo!

**ÍON:** Isso aí já não me parece!

**SÓCRATES:** E, no entanto, aquilo te parece, que qualquer bom rapsodo [541b] é também um bom general?!

**ÍON:** Sem dúvidas!

**SÓCRATES:** E tu és o melhor rapsodo dos helenos, não é?!

**ÍON:** De longe, Sócrates!

**SÓCRATES:** Então é certo que tu és o melhor general dos helenos, Íon?!

**ÍON:** É isso aí, Sócrates! E aprendi isso justamente com os poemas de Homero!

**SÓCRATES:** Mas por que diabos, Íon, sendo o melhor general e o melhor rapsodo dos helenos, tu vagas para cima e para baixo a declamar rapsódias aos helenos, mas não praticas o ofício de general?! Por acaso te parece [541c] que um rapsodo coroado com uma coroa de ouro tem muita serventia aos helenos, enquanto que um general não tem nenhuma?!

**ÍON:** É que a nossa cidade é governada política e militarmente pelos vossos<sup>18</sup>, Sócrates, e não carece em nada de um general, ao passo que a vossa<sup>19</sup> e a dos lacedemônios<sup>20</sup> não me escolheriam como general, pois vós acreditais que sois autossuficientes.

**SÓCRATES:** Meu nobre Íon! Tu não conheces Apolodoro de Cízico?!

**ÍON:** Quem é esse aí?

**SÓCRATES:** É aquele que os atenienses elegeram diversas vezes como seu general, embora fosse estrangeiro. [541d] Esta cidade aqui também levou Fanóstenes de Andros e Heráclides de Clazomenas, que eram estrangeiros, ao comando militar e aos demais cargos de governo, porque eles mostraram serem dignos. Agora, não será Íon de Éfeso eleito e honrado como general, se parecer ser digno?! E então?! Vós efésios não sois a princípio atenienses? E desde quando Éfeso é inferior a alguma cidade? [541e] Mas que seja, Íon, se estás falando a verdade e és capaz de louvar Homero em função de uma arte e um conhecimento, tu, assumindo para mim ser alguém que conhece tantas e belas coisas sobre Homero e prometendo que faria uma performance, tu me enganas e estás longe de fazer uma performance. Aliás, tu nem mesmo estás disposto a dizer quais são as coisas sobre as quais tu és hábil, mesmo comigo importunando há tempo; mas, como Proteu, tornas-te, simplesmente<sup>21</sup>, multiforme, revirando-se para cima e para baixo até que, finalmente escapando-me, ressurges como general, [542a] a fim de que não performs o quão hábil és na sabedoria de Homero! Assim, se tu me enganas, como eu dizia ainda agora, prometendo que farias uma performance sobre Homero por ser conhecedor de uma arte, tu estás sendo injusto; porém, se tu falas tantas e belas coisas sobre o poeta sem nada saber, e sim estando possuído por Homero em função de um dom divino, tal como eu disse sobre ti, aí não estás sendo injusto em nada. Fica a teu cargo, então, se queres ser considerado por nós um homem injusto ou divino.

<sup>18</sup> “É governada política e militarmente” traduz “ἄρχεται καὶ στρατηγεῖται”, ou seja, Éfeso, a cidade de Íon, possuía nessa época governantes e generais atenienses.

<sup>19</sup> Atenas.

<sup>20</sup> Esparta.

<sup>21</sup> Novamente “ἄτεχνως”, jogo de palavras intraduzível. Ver supra, nota 8.

**ÍON:** São coisas bem diferentes, [542b] Sócrates, pois é bem mais belo ser considerado divino.

**SÓCRATES:** Pois bem, Íon, isso que é mais belo está à tua disposição, ser considerado entre nós um panegirista divino de Homero, não um conhecedor de uma arte.

**FIM.**

**Referências Bibliográficas**

- BURKERT, Walter. *Religião Grega arcaica y clásica*. Madrid: Abada Editores, 2007,
- BURNET, John (ed.) *Platonis opera*, vol. 3. Ed. John Burnet. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- HOMERO. *Iliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1969.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- RIJKSBARON, Albert. *Ion Or: On the Iliad*. Amsterdam Studies in Classical Philology, 14. Leiden and Boston: Brill, 2007.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica, vol. 1. Cultura Grega*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 201